

VISÃO HOLÍSTICA E INTEGRADA DE SAMORA MACHEL SOBRE A PAZ E SEGURANÇA NA ÁFRICA AUSTRAL

SAMORA MACHEL'S HOLISTIC AND INTEGRATED VISION OF PEACE AND SECURITY IN SOUTHERN AFRICA

RESUMO: O artigo aborda a contribuição do Presidente Samora Machel para a libertação da África Austral, com especial atenção ao Zimbábue. O estudo busca entender seu papel na luta contra o colonialismo britânico e a independência unilateral de Ian Smith. Analisa-se também o papel das lideranças dos Estados da Linha da Frente na formação da SADCC, atual SADC. Conclui-se que o internacionalismo desempenhou um papel central na conquista da liberdade do Zimbábue.

PALAVRAS-CHAVE: Linha da Frente; SADCC/SADC; Luta de Libertação; África Austral.

Roberto Momade Preto

ABSTRACT: The article addresses President Samora Machel's contribution to the liberation of Southern Africa, with a particular focus on Zimbabwe. The study seeks to understand his role in the struggle against British colonialism and the unilateral independence of Ian Smith. It also analyzes the role of the Frontline States' leadership in the formation of SADCC, now known as SADC. It is concluded that internationalism played a central role in achieving Zimbabwe's freedom.

KEYWORDS: Front Line; SADCC/SADC; Liberation Struggle; Southern Africa.

Editor-Gerente
[Ivaldo Marciano de França Lima](#)

VISÃO HOLÍSTICA E INTEGRADA DE SAMORA MACHEL SOBRE A PAZ E SEGURANÇA NA ÁFRICA AUSTRAL

Roberto Momade Preto ¹

Introdução

Esta reflexão apresenta uma breve descrição da visão holística e integrada do Presidente Samora Machel sobre a paz e estabilidade na sub-região da África Austral, durante seu mandato como líder da FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique.

Entendendo que certos povos da África Austral não deveriam permanecer vivendo sob a opressão da segregação racial ou do domínio minoritário, Samora Machel analisou a situação da região a partir de seu próprio país, Moçambique, que enfrentava um conflito armado imediatamente após a proclamação da Independência Nacional (1975), liderado pelo movimento armado conhecido como Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), contra o Governo da FRELIMO a partir de 1976.

Da mesma forma, Machel foi motivado pela instabilidade vivida em países vizinhos, como Angola, imersa em uma guerrilha entre a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) e o Governo do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA); a África do Sul sob o regime racista e segregacionista do apartheid; a Namíbia ilegalmente dominada pela África do Sul; o Zaire, de Mobutu Sese Sekou (atual República Democrática do Congo), que interferia na política econômica de Angola, não permitindo que o país lusófono explorasse adequadamente seus portos; e o Zimbábue, que enfrentava dois gigantes inimigos: o domínio britânico e a luta contra a independência unilateral de Ian Smith.

Esta análise foca principalmente na questão zimbabuense, pois Machel acreditava que Moçambique não poderia alcançar a independência política e econômica pacificamente se o Zimbábue ainda estivesse em guerra ou sob domínio minoritário de Ian Smith.

Os objetivos deste estudo são compreender o envolvimento de Samora Machel e as manifestações dos movimentos de libertação do Zimbábue, além de identificar as motivações, intenções e objetivos reais da linha político-ideológica da FRELIMO, como o movimento de vanguarda da revolução moçambicana que apoiou a luta pela independência do Zimbábue.

¹ Professor do Instituto Superior de Desenvolvimento Rural e Biociências da Universidade Rovuma. Doutorando em História da África Contemporânea pela Universidade Pedagógica de Maputo. robertofakirdin68@gmail.com

Esta reflexão visa explorar o conteúdo apresentado em uma perspectiva puramente acadêmica, examinando a dinâmica de apoio entre países vizinhos e, principalmente, entre africanos. Também demonstra historicamente como o internacionalismo serviu de base para a integração entre as nações africanas em sua luta contra um inimigo comum, promovendo fraternidade, solidariedade e boa vizinhança entre os povos. Isso foi exemplificado pela assinatura do "Acordo de Não Agressão e Boa Vizinhança" entre Moçambique e África do Sul em 1984.

Além disso, a reflexão fornece insights sobre a trajetória histórica da organização regional desde sua fundação como Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC) até sua atual transformação em Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), com a inclusão de mais estados membros.

Metodologicamente, foram utilizadas fontes secundárias (obras literárias) para contextualizar o tema histórico da paz e segurança na África Austral, com foco nas contribuições feitas por Samora Machel e pelo governo da FRELIMO sob sua liderança. Diferentes líderes políticos da região que trabalharam para dismantelar regimes racistas que impediam o desenvolvimento foram analisados. Os países ainda sob influência de entidades políticas (como as administrações da África do Sul, Grã-Bretanha e Ian Smith) foram considerados como unidades de análise.

O tema da paz e segurança na África Austral tem sido objeto de debate acadêmico e discussão na sociedade moçambicana em geral, dada a realidade dos desafios enfrentados pelos estados africanos para manter a estabilidade, especialmente diante do terrorismo e outros conflitos. Questões como o internacionalismo (cooperação), troca de experiências e relações diplomáticas entre os estados têm sido debatidas de maneira sistemática e contínua. Portanto, o apoio prestado pelo governo da FRELIMO sob a liderança de Samora Machel ao povo do Zimbábue em sua luta pela libertação serve de exemplo para a África e o mundo.

Atualmente, Moçambique enfrenta o terrorismo na província setentrional de Cabo Delgado. Nesse sentido, a presença de outros países africanos (como Ruanda) e a força da SADC (SAMIM) fornecendo apoio, assim como Moçambique apoiou o Zimbábue, indica que a visão e o sonho de Samora, bem como os princípios por trás da criação da SADCC/SADC, ainda são relevantes e necessários para estabilizar a sub-região por meio de esforços conjuntos entre países e estados que buscam paz, segurança e desenvolvimento.

II: A Fundação da Linha da Frente, a Emergência da SADCC e o Envolvimento de Moçambique no Cenário Político Zimbabweano

As independências africanas na África Austral, como parte do processo geral de independência do continente, ocorreram na década de 1960. Os primeiros estados a se libertarem do domínio colonial europeu foram Tanzânia, Niassalândia (atual Malawi), Rodésia do Norte (atual Zâmbia), Congo Kinshasa (atual República Democrática do Congo), e os Protetorados Britânicos do Lesoto, Botsuana e Suazilândia (atual Eswatini). Esses processos de independência foram pacíficos e controlados, com consensos acordados entre as partes.

A Organização da Unidade Africana (OUA), agora transformada na União Africana (UA), percebendo a necessidade de libertar a África Austral do domínio colonial europeu, estabeleceu um comitê ad-hoc sediado na Tanzânia. Dentro desse comitê, foram criados os Estados da Linha da Frente, incluindo países como Angola, Botsuana, Moçambique, Tanzânia e Zâmbia.

A visão central dos Estados da Linha da Frente, que mais tarde incorporaram outros países como membros efetivos, era criar uma organização alternativa para combater a política de constelações instituída pela África do Sul do apartheid. Nesse contexto, Julius Kamarange Nyerere convocou uma reunião consultiva em Arusha, Tanzânia, em 1979, onde decidiu-se criar uma organização regional chamada Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC), estabelecida em 1980 na Zâmbia. Atualmente, essa organização regional, agora chamada Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), mantém os mesmos objetivos, incluindo novos estados membros. A presidência rotativa é realizada pelos países membros, que também assumem responsabilidades específicas entre as cúpulas ordinárias, de acordo com as potencialidades de cada estado.

O principal objetivo da formação da SADCC era, inicialmente, político e estratégico, visando a consolidação das independências de seus membros e o fim dos últimos vestígios do colonialismo europeu na região. Além disso, a SADCC buscava garantir a libertação dos povos do Zimbábue e da Namíbia, e estabelecer uma estratégia para acabar com o regime minoritário e segregacionista do apartheid na África do Sul, bem como o regime ilegal e minoritário de Ian Smith no Zimbábue. Nesse contexto, Samora Machel, como líder do movimento revolucionário moçambicano, desempenhou um papel importante ao unir diferentes sensibilidades étnicas e políticas no Zimbábue, visando à independência.

"Logo depois da criação da aliança da Linha da Frente, a Frelimo abriu as suas 750 milhas (1.200 quilômetros) de fronteira com a Rodésia aos insurgentes Zimbabweanos, convidando a ZANU e a ZAPU a estabelecer bases militares conjuntas. Por outro lado, transferiu uma quantidade substancial de armas modernas para as forças da ZANU baseadas em Moçambique, e reassentou mais de 150.000 refugiados zimbabueanos em campos de refugiados" (CHRISTIE, 1988, p. 89).

A liderança de Samora Moisés Machel foi fundamental para a união dos movimentos nacionalistas do Zimbábue, representados principalmente pelos povos shona (ZANU) e ndebele (ZAPU), liderados por Robert Gabriel Mugabe e Joshua Nkomo, respectivamente. Machel proporcionou uma união patriótica e um entrosamento político-ideológico que permitiram a emergência de uma única corrente de luta pela independência do país, que foi alcançada em abril de 1980. Nesse sentido, é impossível falar sobre a libertação da África Austral sem destacar o papel central de Samora Moisés Machel não apenas como líder da Frelimo e de Moçambique, mas também da região como um todo.

O contexto de luta nacionalista na região da SADC está intimamente ligado ao processo de libertação de Moçambique. A partir de 1962, com a criação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), iniciou-se a luta armada pela independência nacional, que culminou com a proclamação da independência em 25 de junho de 1975. Apesar dos avanços representados pela SADC, ainda há enormes desafios que exigem esforços conjuntos para melhorar as condições de vida das populações.

Januário (2019) explica que o surgimento do espírito nacionalista entre os moçambicanos, representado pela unificação dos movimentos políticos UNAMI, UDENAMO e MANU, foi fundamental para a criação da FRELIMO em 1962, na atual República Unida da Tanzânia. A consolidação da unidade nacional tornou-se o objetivo prioritário, proporcionando a organização e unificação de todos os movimentos de luta contra o domínio colonial português na África Austral.

Samora Machel capitalizou essa estratégia organizativa do processo de luta de libertação nacional de Moçambique para convencer os líderes revolucionários do Zimbábue da importância da união em sua luta pela independência. Ele defendia de forma sistemática e com grande contundência política a necessidade de os países da região se unirem para se libertarem do domínio colonial, o que também garantiria a estabilidade, paz e segurança de Moçambique. Desde os estágios iniciais da luta revolucionária nacional, Moçambique demonstrou sua disposição para acolher iniciativas libertárias de outros países da região.

"Durante a luta de libertação nacional de Moçambique, levada a cabo pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), foram estabelecidas relações de amizade com outros movimentos que tinham sido acolhidos na Tanzânia como país onde preparavam as suas acções de luta para a libertação dos respectivos territórios do jugo colonial, visando a conquista da independência do colonialismo vigente" (MASSANGAIE, 2018, p. 23).

Neste contexto, a FRELIMO, sob a liderança de Samora Machel, estabeleceu contatos durante o período da Luta de Libertação Nacional com outros movimentos nacionalistas, como o Congresso Nacional Africano (ANC) da África do Sul, a União Nacional Africana do Zimbabwe

(ZANU), a União dos Povos Africanos do Zimbabwe (ZAPU) e a Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAP) da Namíbia. A Frelimo e Samora Machel determinaram que a independência de Moçambique só seria efetiva e completa se os outros países da região também se libertassem da dominação colonial europeia e dos regimes racistas minoritários que ainda existiam na complexa região da África Austral.

A conquista da independência de Moçambique em junho de 1975 abriu a possibilidade de participação do país nos esforços em curso pelos países africanos independentes para erradicar os últimos vestígios do colonialismo e da dominação por regimes minoritários na África. Enquanto a região da África Austral, caracterizada pelo atraso de 15 anos na obtenção da independência das colônias portuguesas, ainda sofria com a presença de regimes minoritários resultantes do colonialismo.

A colaboração entre os movimentos de libertação da África Austral teve início nas bases estabelecidas na Tanzânia, e no caso do Zimbabwe, a abertura da Frente de Tete pela FRELIMO em 1968 permitiu o estabelecimento de bases da ZANU nas áreas libertadas pela FRELIMO em Tete e Manica, fortalecendo a colaboração entre esses movimentos. Moçambique passou a trabalhar mais de perto com os países que haviam apoiado diretamente sua luta de libertação contra o regime colonial português, formando uma aliança informal.

Essa aliança foi reforçada em meados da década de 1970, com a participação de Angola e Moçambique, antigas colônias portuguesas na África Austral. Moçambique, sendo o país mais próximo do teatro de operações, tanto em relação ao Zimbabwe quanto à África do Sul, desempenhou um papel crucial no apoio aos movimentos que lutavam pela libertação de seus países da dominação por regimes minoritários. Foi nesse contexto que Moçambique acolheu um grande número de guerrilheiros da ZANU e ZAPU do Zimbabwe, assim como do ANC da África do Sul, e se envolveu profundamente na busca de soluções para os problemas desses territórios dominados:

"[...] O Primeiro-Ministro do Lesoto, Leabua Jonathan, mais tarde forjou laços com o Congresso Nacional Africano (ANC) tendo se recusado a reconhecer a independência do Transkei e outros bantustões, juntando-se aos Estados da Linha da Frente em 1977" (MATUSSE, 2002, p. 56).

Foi no seio dos Estados da Linha da Frente que Moçambique desempenhou um papel de grande relevância no processo de libertação dos países da região que ainda estavam sob a dominação de regimes minoritários. Foram esses estados que envidaram esforços que resultaram na aproximação entre os líderes nacionalistas zimbabwuanos, Joshua Nkomo, da ZAPU, e Robert Mugabe, da ZANU, para se apresentarem como uma frente unida, a Frente Patriótica, perante a

Grã-Bretanha (potência colonizadora do Zimbábue), em esforços diplomáticos pela independência do país.

Outra evidência substantiva é fornecida por Branco (2003, p. 111) ao mencionar que após a criação dos Estados da Linha da Frente, eclodiu o conflito angolano entre o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). Diante desse conflito, com o apoio da África do Sul do apartheid à UNITA, os membros dos Estados da Linha da Frente concordaram em apoiar o MPLA.

Quanto à questão da Rodésia do Sul (Zimbábue), os Estados da Linha da Frente ficaram divididos. Moçambique apoiava a ZANU, de Robert Mugabe, enquanto a Zâmbia apoiava a ZAPU, de Joshua Nkomo. Esses apoios permitiram a coordenação de posições até a assinatura do Acordo de Lancaster House, que culminou com a proclamação da Independência Nacional do Zimbábue em 1980. Nesse sentido, a formação da SADCC propiciou a emergência de uma visão política integrada, uma vez que todos os Estados membros da região enfrentaram em conjunto os mesmos desafios políticos, caracterizados pela busca de mais membros para a organização e suas relações com outros Estados ou blocos regionais no continente africano. Mais uma vez, aqui o contributo de Samora Machel se torna mais evidente quando incentiva a realização de várias conferências em diferentes países da região.

As incursões sistemáticas e violentas das forças de Ian Smith em território moçambicano fortaleceram ainda mais a crença da FRELIMO e de Samora Machel em reforçar as forças nacionalistas zimbabueanas que se opunham à dominação do regime segregacionista minoritário rodesiano na década de 80 do Século XX. Esta atitude refletiu e fortaleceu o internacionalismo da FRELIMO, fundamentado na visão integradora de seu líder.

O empenho de Moçambique independente, como país que fazia parte dos Estados da Linha da Frente, foi bastante notório em seu engajamento pela luta de libertação do Zimbábue. O fornecimento de material bélico, víveres alimentares e acomodação das tropas zimbabueanas dentro do país tornaram Moçambique o país da África e da Linha da Frente mais engajado, culminando na liberdade do Zimbábue do colonialismo britânico e da opressão segregacionista minoritária liderada por Ian Smith, ansioso pelo poder unilateral no Zimbábue.

III: Principais Conclusões

Após diversas leituras sobre o processo de fundação dos Estados da Linha de Frente, o envolvimento do Governo da Frelimo e do Presidente Samora Machel na luta de libertação do Zimbábue, bem como a criação da Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC) e sua subsequente transformação na Comunidade para o Desenvolvimento da

África Austral (SADC), independentemente das reformulações operacionais ajustadas ao cenário político atual e às demandas socioeconômicas da região, concluímos que a fundação dos Estados da Linha de Frente e o surgimento da SADCC como organismo de luta para a preservação da Paz, Segurança e Desenvolvimento nesta sub-região continental foram fundamentais para a conquista das liberdades e a criação de iniciativas para o desmantelamento de regimes minoritários e segregacionistas.

A visão integradora de Samora Moisés Machel sobre o desenvolvimento, paz e segurança na África Austral ainda está prevalecente nas atuais lideranças político-administrativas da região, que hoje concentra mais membros efetivos, imbuídos dos mesmos desafios de desenvolvimento da região. Hoje, a Paz e Segurança na África Austral assumem-se como necessidades primárias. Por isso, vislumbram-se, em várias ocasiões, os chefes de estado da região em Cimeiras Ordinárias ou Extraordinárias, discutindo os assuntos da região. Assim, mostra-se claramente que os ideais de Samora Machel ainda são prevalentes e deram um contributo e benefício geral para a libertação e segurança desta sub-região do continente africano. Nesta ótica, concluo também que não se pode falar da libertação, paz e segurança da África Austral sem mencionar Samora Machel como timoneiro e campeão da zona.

O Zimbábue e a Namíbia proclamaram sua independência política. O apartheid já foi desmantelado na África do Sul, e surgiu uma nação multicolorida (nação arco-íris, segundo o Arcebispo Anglicano Desmond Tutu), onde as crianças e os povos sul-africanos em geral caminham juntas nos mesmos espaços. Se Samora Machel estivesse vivo, certamente estaria razoavelmente satisfeito.

Contudo, conclui-se também que ainda há desafios referentes ao terrorismo que precisam de entrosamento político e estratégico entre os países membros para garantir que seu combate seja abrangente e não permita que os terroristas encontrem refúgios em outros países. Há a necessidade coordenada de a região lutar para minimizar as bolsas de fome (por meio do aumento das áreas de cultivo e da diversificação da produção agropecuária), das doenças endêmicas (fornecendo serviços básicos de saúde) e do analfabetismo (construindo mais escolas, formando mais professores e fortalecendo o setor da educação como um todo).

Por fim, também se conclui que o crime transnacional (tráfico de seres humanos, ondas de sequestros nos principais centros urbanos da região, drogas e circulação não autorizada de armas) deve ser combatido por todos, e, acima de tudo, os mecanismos devem ser reforçados e as práticas constitucionais melhoradas em toda a região da SADC, a fim de evitar a repetição de cenários como os de Madagascar (golpes de estado).

REFERÊNCIAS

Christie, I. **Machel of Mozambique**. Harare: Zimbabwe Publishing House, 1988.

Januário, Emílio Mário. **Estudo da Luta de Libertação Nacional de Moçambique**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2019.

MASSAGAIE, A. **Moçambique no processo de integração na Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC): O fruto da unidade e do internacionalismo**. Maputo: Partido Frelimo, 2018.

MATUSSE, R. **África Austral: Das migrações bantu à integração regional**. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.

VIEIRA, Sérgio. **Participei, por isso testemunho**. Maputo: Ndjira, Coleção Horizonte da Palavra, 2011.

Recebido em: 20/05/2023

Aprovado em: 11/12/2023